

A SERPENTE, A MULHER E A SEDUÇÃO: DIALOGISMO E INTERTEXTUALIDADE ENTRE LITERATURA E SAGRADO

Mestranda Julyanna de Sousa Barbosa Germano¹

Resumo:

O objetivo deste trabalho é traçar um paralelo entre um texto antigo, considerado por muitos como um texto sagrado, e um texto moderno, contemporâneo, a fim de mostrar que ambos podem dialogar de diferentes formas, por meio dos intertextos, da absorção e da transformação de uma multiplicidade de outros textos que giram em torno de uma mesma temática. Para tanto, estudaremos um trecho da narrativa bíblica e literária, especificamente o Livro de Gênesis, capítulo três (3), e o conto contemporâneo “Bela, das brancas mãos”, da escritora Marina Colasanti (2005). Destacaremos a permanência de temas tradicionais na literatura contemporânea e realizaremos uma análise simbólica e arquetípica de certas figuras e imagens que se destacam nos textos. Utilizaremos os pressupostos teóricos de Pires (2009), Calvino (2007; 2000); Neumann (1996); Durand (1997), dentre outros.

Palavras-chave: tradição, modernidade, intertextualidade, literatura, sagrado.

1 Introdução

Quando se fala em tradição, logo nos vem à memória algo que é transmitido, que é repassado de geração a geração, como as lendas e os fatos, por exemplo. A tradição está, portanto, ligada a um passado, a uma história e a um tempo determinado. A contemporaneidade, ao contrário, pertence a uma época e tempo atuais. Isso não quer dizer que não exista nenhuma ligação entre ambas, ao contrário, o passado e o presente se entrecruzam como duas linhas no tempo, construindo diálogos fecundos e promissores em seus entrelaços e contribuindo de forma bastante positiva para a compreensão do fenômeno literário. A tradição existe em função da modernidade, e vice-versa; uma em função da outra; a tradição, para ser relida pela modernidade, e a modernidade, por sua vez, para atualizar a tradição, conforme a opinião de Calvino (2000, p.09): “Minhas reflexões sempre me levaram a considerar a literatura como universal, sem distinções de língua e caráter nacional, e a considerar o passado em função do futuro”, ou seja, a tradição em função da modernidade.

Nosso objetivo neste espaço é traçar um paralelo entre o antigo e novo, entre o clássico e o contemporâneo, entre o tradicional e o moderno, mostrando os intertextos e os diálogos estabelecidos entre eles, a partir de uma narrativa tradicional e de uma contemporânea que apresentam uma temática comum às duas obras. Selecionamos para este fim o Livro de *Gênesis*, capítulo 3, e o conto contemporâneo “Bela, das brancas mãos”, da escritora Marina Colasanti (2005).

¹Julyanna de Sousa Barbosa GERMANO, Mestranda do Programa de Pós Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI/UEPB).
E-mail: julybeis@yahoo.com.br

Como já fora dito, a tradição estabelece um diálogo contínuo com a modernidade. Os clássicos não perderam o seu valor nos dias de hoje; são obras que mesmo escritas há muito tempo, mantêm ainda vivos os seus valores, agradando aos leitores contemporâneos pela sua universalidade; são vivos no tempo e no espaço; são tesouros coletivos que sempre têm algo a nos dizer.

Em um dos capítulos de sua obra intitulado “As Odisséias na Odisséia”, Calvino (2007) procura mostrar as várias viagens existentes no texto de Homero e se utiliza das aventuras de seu protagonista, Ulisses, de suas idas e vindas, para mostrar que não se pode esquecer o retorno, o passado, o que ficou para trás:

Porque não se pode esquecer que a viagem de Ulisses não é de jeito nenhum uma viagem de ida, mas de retorno. E então é preciso interrogar-se um momento, exatamente, que tipo de futuro ele tem pela frente: pois aquele futuro que Ulisses anda procurando é de fato o seu passado. Ulisses vence as bajulações da Regressão porque se acha todo voltado para a Restauração. [...] o desejo de um futuro a ser conquistado é garantido pela memória de um passado perdido. (p. s/p)

Outros estudiosos como Borges, por exemplo, também mantêm esse afincamento com o passado. O vínculo que Borges tem com a tradição clássica, especificamente a greco-latina, opera nele como uma energia que dinamiza muitas de suas criações. O ensaísta Hugo Francisco Bauzá fala acerca da ligação que Borges tem com a tradição clássica:

Borges, como todo criador, naturalmente não se atém de modo rigoroso à tradição, mas a *recria* de maneira original; nesta o *clássico*, mais que como obsoleto e pesado substrato museístico, se dá nele como incitação e estímulo para repensar e reelaborar antigos tópicos. O clássico não é para Borges, o estatuído de uma vez para sempre como norma ou paradigma, mas sob o rótulo de *clássico* o Poeta entende determinados momentos luminosos que aguardam uma releitura sempre renovada. Ademais, Borges parece retomar a conhecida sentença uniana – “para novidade, os clássicos” – à qual acrescenta: “sim, mas para recriá-los” (BAUZÁ, p. 187-188).

Alguns temas e motivos do classicismo grego influíram e, de certo modo, determinaram o mundo literário borgeano: A reflexão sobre o tempo, sendo este o motivo substancial de sua obra e o que, como fio condutor, permite religar toda sua produção literária; A vida como sonho e Borges frente a certas ideias platônicas (a presença de Platão na obra de Borges é constante, ainda que ele não siga ao pé da letra a doutrina do filósofo).

Bauzá assim conclui o seu texto sobre a obra de Borges e sobre os vínculos que este mantém com a tradição:

Seria cansativo nomear os muitos outros ecos do classicismo grego na obra borgeana. Estes, como revela o próprio poeta, não são um simples artifício literário, mas sim dão sustento e fundamento a suas criações, formando com estas uma mesma natureza ontológica. Desejo também destacar que Borges valoriza o classicismo grego-latino quando interpreta o *original* não em nossa concepção de descoberta de uma novidade inusitada, mas sim no antigo sentido de *voltar à*

origem; a literatura entendida como recriação – perene e sempre renovada – de temas e motivos tradicionais (BAUZÁ, 2000, p.199).

E assim é nossa literatura contemporânea, repleta de temas antigos que vêm ao longo do tempo sendo recriados, recontados, reinventados, mas que continuam a nos despertar gosto, interesse, apreciação, encantamento e deslumbre a cada nova leitura. O que acontece com muitas histórias contemporâneas é que elas acabam por recriar ou repetir os mesmos temas das histórias antigas. É o que acontece também com textos literários atuais que tratam da temática do “sagrado” e que sempre, ou na maioria das vezes, tendem a recorrer à narrativa bíblica, aos seus enredos fabulosos, à maestria de seus personagens, para recontar histórias que são escritas nos dias de hoje.

2 Temas de ontem e de hoje

O texto tradicional selecionado para análise, como já fora mencionado anteriormente, foi retirado do Livro dos *Gênesis*, na Bíblia Sagrada, especificamente dos escritos do capítulo 3 (três), que apresentam como personagens a serpente, Adão e Eva. Conta a história que a serpente era o animal mais astuto que Deus criara; e esta questiona a mulher acerca da determinação de Deus. “É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim” (Gênesis 3. 1b). A mulher, por sua vez, explica a ordenança de Deus e, de imediato, a serpente lança dúvidas e questionamentos a respeito da proibição, alegando que, se comessem do fruto certamente não morreriam, ao contrário, seus olhos seriam abertos e passariam a ser como Deus, sabendo o bem e mal. Eva, vendo que a árvore era boa para dar entendimento, comeu o fruto e também ofereceu a seu marido, que também não resistiu e comeu. Então os olhos de ambos foram abertos, e perceberam que estavam nus. Posteriormente, Deus questiona Adão por este ter desobedecido a suas ordens; Adão passa a responsabilidade para Eva: “A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e comi” (Gênesis: 3.12). Eva, por sua vez, procurando se esquivar, culpa a serpente por tudo o que tinha se passado: “A serpente me enganou , e eu comi” (Gênesis 3.13b). E Ambos foram expulsos do Paraíso.

Temos, a seguir, o resumo do conto contemporâneo “Bela, das brancas mãos”, de Marina Colasanti, na versão de Michelli (2009):

Essa é a história de uma jovem muito bela, que atrai os olhares de todos na aldeia: solteiros, casados, velhos, meninos e também as mulheres, estas com olhos escuros. O desconcerto se instaura entre os homens por causa dela. A jovem, porém, pouco prestava atenção nos demais, concentrada apenas em si, nos seus afazeres, na sua alegria de viver. As mulheres se reúnem, à noite, e expulsam-na da aldeia. Aos homens, dizem que ela partiu com um viajante. A calma e a rotina se estabelecem no local, levando a tranquilidade a todos, até que os homens começam a desaparecer: um quando foi caçar; outro, cortar lenha. Completa-se a conta de cinco desaparecidos quando dois homens resolvem ir ao bosque juntos. Distraídos, o segundo afasta-se do que vai à frente, que logo ouve o grito do companheiro. O primeiro vai a seu socorro e vê “a metade superior do amigo, que agitava os braços e gritava por socorro, enquanto a outra metade desaparecia na boca de uma enorme serpente” (COLASANTI, 2005, p.23). O homem livre consegue puxar o amigo, resgatando-o da boca da serpente. No entanto, mesmo fora dela, ele continuava a tentar se desvencilhar de algo que o segurava pelos pés: “Aproximou-se. Saindo da boca da cobra, duas mãos prendiam-se aos tornozelos do amigo” (COLASANTI, 2005, p.23). Assim, sucessivamente, os cinco homens são

libertados. Atrás do último, vinha a moça expulsa da aldeia: “E estando ela nua, procuraram no chão algo com que cobri-la. Mas no chão não havia nada. Nem mesmo a longa pele da serpente” (COLASANTI, 2005, p. 24).

Calvino (2000, p. 121), ao falar acerca do tema de sua conferência – o romance contemporâneo –, nos possibilita utilizar suas ideias para discorrer sobre as narrativas que aqui serão estudadas e sobre o grande elo de conexões a que estão ligadas a tradição e a modernidade. Como o autor bem fala do romance, aqui falamos que a narrativa contemporânea surge no contexto como enciclopédia, como método de conhecimento, e principalmente como rede de conexões entre os fatos, entre as pessoas, entre as coisas do mundo.

O que tentaremos mostrar aqui, como bem nos apresenta Calvino (2000, p. 122) é que cada detalhe, cada objeto mínimo na obra de arte é visto como o centro de uma rede de relações de que o escritor não consegue se esquivar, multiplicando os detalhes a ponto de suas descrições e divagações se tornarem infinitas. De qualquer ponto que parta, seu discurso se alarga de modo a compreender horizontes sempre mais vastos, e se pudesse desenvolver-se em todas as direções acabaria por abraçar o universo inteiro. É desse modo que se porta o escritor, dando reviravoltas nas temáticas, nas suas abordagens, sempre com vistas ao passado, rememorando o ontem para produzir no hoje algo valorativo e que tenha suas raízes fincadas num terreno produtivo e bem fértil.

O que as protagonistas dessas duas histórias têm em comum é a presença de uma serpente em suas vidas. Logo, faz-se necessário estudar o simbolismo deste animal, na opinião de alguns estudiosos, para entender qual relação mantém com as duas mulheres citadas nas histórias.

A serpente em si mesma faz-se feminina e enrosca-se, beija, abraça, sufoca, engole, digere e dorme. Esta serpente fêmea é a invisível serpente-princípio que mora nas profundas camadas da consciência e nas profundas camadas da terra. Ela é enigmática, secreta; é impossível prever-lhe as decisões, que são súbitas quanto às suas metamorfoses. Ela brinca com os sexos como com os opostos; é fêmea e macho. A serpente apresenta um complexo de arquétipos ligado à noite fria, pegajosa e subterrânea das origens. A serpente é, no plano humano, o símbolo duplo da alma e da libido; é um dos mais importantes arquétipos da alma humana (NEUMANN, 1996).

Segundo Durand (1997) a serpente é vista como um dos símbolos mais importantes da imaginação humana; é triplo símbolo da transformação temporal, da fecundidade e da perenidade ancestral; é animal que muda de pele permanecendo ele mesmo, e liga-se por isso aos diferentes símbolos teriomórficos do bestiário lunar, mas é para a consciência mítica o grande símbolo do ciclo temporal, o ouroboros. A serpente é símbolo da fecundidade; é animal feminino, dado que é lunar, e também masculino, porque a sua forma oblonga e o seu caminhar sugerem a virilidade do pênis. Dessa interpretação sexual do símbolo ofídico, passa-se ao tema da fertilidade; ouroboros, princípio hermafrodita da fecundidade. O ouroboros é a serpente que, simultaneamente, gera, pare e devora.

Para Neumann (1996), as imagens da mulher com as serpentes apontam quase sempre para o relacionamento do feminino com o masculino procriador. É natural e já há muito familiarizada a relação serpente-feminino, mulher-serpente. A serpente é um símbolo universal e polivalente. De acordo com sua natureza urobórica e híbrida, o símbolo da serpente pode se manifestar como feminino ou como masculino.

As mulheres de ambas as histórias são engenhosas, astutas e ousadas assim como a serpente e deixam ser transformadas pela serpente no instante em que por ela são tentadas, permitindo-a invadir suas vidas, seus pensamentos, suas atitudes, suas

ações, tornando-se ambas verdadeiras serpentes audaciosas e sedutoras. Elas usam dos artifícios da sedução para atrair os homens para o si; se valem de sua sensualidade para fazer com que rastejem aos seus pés.

Eva cedeu à tentação. Tomou o fruto proibido, comeu-o e ainda oferece-o a Adão, que também comeu. Mas é bom lembrar que o texto não diz que Eva o forçou a comer; apenas que ele também comeu. Eva certamente usou de sua sutileza e de seu charme, das armas que ela tinha para seduzi-lo e fazê-lo ceder à tentação, à proibição.

A serpente no Livro do Gênesis poderia ter iniciado sua conversa “descompromissada” e sem “segundas intenções” com Adão, o homem que também aparece na história e que estava lá juntamente com ela muito antes de Eva surgir no contexto. Os dois, homem e serpente, já tinham certa convivência e, portanto, total liberdade para iniciarem um diálogo tal qual aconteceu com a serpente e Eva, posteriormente. Mas a serpente preferiu esperar para ter essa conversa mais amigável e mais receptível com a mulher, com aquela que melhor poderia lhe entender, com aquela que tanto com ela se parecia, que tinha os mesmos atributos, as mesmas qualidades ou defeitos, talvez, mas que certamente seguiria seus conselhos sem hesitar.

Eva buscava conhecimento, entendimento, almejava muito mais do que aquilo já estava ao seu alcance; queria conquistar algo maior, algo grandioso, algo estrondoso. Valeu-se, então, dos atributos da serpente, que são os seus próprios atributos, e enxergou o mundo que antes não enxergava. Foi desafiando a autoridade e suas proibições que Eva abriu os olhos para o mundo.

As duas mulheres das histórias aqui estudadas podem representar Lilith, tanto na astúcia quanto no poder de seduzir os homens para conseguir o que querem.

Lilith é considerada por uma antiquíssima lenda judaica a primeira esposa de Adão, a fêmea fatal, uma criatura moldada a partir do pó da terra, como foi Adão, ao mesmo tempo em que ele.

Lilith é uma bela mulher da cabeça até o umbigo e que tem um fogo abrasador do umbigo para baixo; um ser sombrio e ardente. Ela é expulsa do céu e torna-se a noiva do Diabo. É obrigada a viver nas regiões inferiores, com a humanidade. Para os homens, ela é “a bruxa sedutora, o súcubo mortal e a mãe estranguladora. Para as mulheres, ela é a sombra escura do EU, casada com o Diabo” (KOLTUV, 1997, p. 23-24).

Adão e Lilith viviam em total discordância. Ela discordava dele em muitos assuntos e recusava-se a deitar debaixo dele na relação sexual, fundamentando sua reivindicação de igualdade no fato de que ambos teriam sido criados da terra. Quando percebeu que Adão a subjugaria, proferiu o inefável nome de Deus e pôs-se a voar pelo mundo. A partir daí, Lilith viveria em plena promiscuidade.

Lilith queria a liberdade e rejeitava a tradição do matrimônio patriarcal. Ela queria tomar decisões, mover-se, ser livre. “Ela faz com que o homem se levante, sobe em cima dele e cavalga-o, para o seu próprio prazer e poder”. (p. 41) Ela é a prostituta que fornicava com os homens que dormem sozinhos, à noite, povoando seus sonhos e levando-os a impuras poluições noturnas, a caminhos tortuosos e ao pecado.

Antes de ser expulsa da aldeia, a protagonista do conto “Bela, das brancas mãos”, de Marina Colasanti (2005), atraía os olhares dos homens pela beleza esplendorosa que possuía; depois do episódio que coincide com a expulsão, a mulher passa a atrair, agora em forma de serpente enigmática, misteriosa, sedutora e perigosa. Vale salientar que os homens foram atraídos, mas não obrigados a irem ao seu encontro; foram voluntariamente, assim como Adão também não foi forçado a comer do fruto

proibido. Os homens da aldeia, assim como Adão, foram persuadidos pela mulher-serpente.

À protagonista do conto de Colasanti, ligam-se a beleza e a sedução, a capacidade de encantar os homens e de provocar inveja e ciúme nas demais personagens femininas. Sua inocência inicial de nada lhe vale, rejeitada e excluída do convívio social devido a um poder que aparentemente nem conhecia. A “troca de pele” permite-lhe vivenciar um outro lado: sob a forma de serpente, transforma-se em devoradora, exercitando agora seu poder sobre as personagens masculinas, poder deturpado pela experiência do mal a que a heroína foi submetida. Ao final, são os homens que a trazem à vida, permitindo-lhe – talvez – recuperar a pureza e a inocência iniciais, simbolizadas em sua nudez. Da pele de serpente, nem sinal (MICHELLI, 2009).

O livro de *Gênesis* nada declara acerca da aparência de Eva, mas certamente não foram o aspecto feio e degradante, a inocência e a falta de esperteza que fizeram com que Adão fosse seduzido por Eva; ao contrário, a astúcia, a ousadia e, certamente, a beleza, os gestos, as palavras certas pronunciadas na conversa, enfim, tudo isso contribuiu para o fim desejado e tão almejado pela serpente, através de Eva, sua cooperadora.

Conclusão

Existem muitas outras histórias além das mencionadas aqui sobre mulheres e serpentes. De fato, a temática é antiga, mas permanece viva, atuante e atual, para comprovar que o passado e o presente se entrecruzam na linha do tempo. Tradição e modernidade, o ontem e hoje que se encontram para mostrar que o clássico continua atuando intensamente e que se conserva entre nós numa insistência indiscutivelmente apropriada e conveniente. É sempre reconfortante ver que a tradição clássica ainda não perdeu a capacidade de se eternizar. E o melhor a fazer é criteriosamente aproveitar e reaproveitar e continuar reutilizando este vasto material do passado, para bem melhor cultivarmos nosso futuro e dele termos o que contar com orgulho quando um dia ele também for passado.

Percebemos que, tanto na narrativa antiga quanto na contemporânea, as temáticas se repetem; a mulher, a serpente e a sedução estabelecem diálogos fecundos e os textos se superpõem um ao outro. O clássico mostra a sua permanência e o seu valor nos dias atuais; e o passado e o presente se encontram para contribuir, de forma a perpetuar temas e agradar leitores de ontem e de hoje.

Referências Bibliográficas

BIBLIA. Português. *Bíblia de estudo Aplicação Pessoal*. Versão Almeida revista e corrigida. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CALVINO, Italo. “As Odisséias na Odisséia”. In: *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

COLASANTI, Marina. “Bela, das brancas mãos”. In: *Longe como o meu querer*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2005.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Trad. Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KOLTUV, Barbara Black. *O livro de Lilith*. Trad. Rubens Rusche. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

MICHELLI, Regina Silva. *Entre sendas e fendas, histórias à roda de Melusina: Perspectivas do feminino sob a ótica do maravilhoso*. Anais do SILEL. Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009.

NEUMANN, Erich. *A Grande Mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente*. Trad. Fernando Pedroza de Mattos e Maria Sílvia Mourão Neto. São Paulo: Cultrix, 1996.

BAUZÁ, Hugo Francisco. PIRES, Francisco Murari (org.). “Borges e a tradição clássica”. In: *Antigos e modernos: diálogos sobre a (escrita da) história*. São Paulo: Alameda, 2009, p. 187- 199.

SCHWAB, Gustav. *As mais Belas Histórias da Antiguidade Clássica: Os Mitos da Grécia e de Roma*. Trad. Luís Krausz. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.